

O processo de constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez : uma análise sociológica

*Juliano de Souza**

*Fernando Augusto Starepravo***

*Wanderley Marchi Júnior****

RESUMO: No presente texto procuramos problematizar algumas continuidades e rupturas inerentes ao processo de constituição de uma "história esportiva" relativamente autônoma do xadrez. O principal argumento a ser desenvolvido consiste em demonstrar que a referida prática só adquiriu os primeiros traços de esporte relativamente moderno quando foi contraposta a um quadro muito específico de mudanças sociais e estruturais que tiveram lugar na sociedade inglesa da metade final do século XIX. A partir de uma pesquisa bibliográfica de cunho histórico-sociológico procuramos avaliar algumas transformações potencializadas no universo enxadrístico no período de 1830 a 1920 tendo como ponto de sustentação teórica algumas contribuições tecidas por Norbert Elias e Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Xadrez. Esportes. Sociologia.

1 INTRODUÇÃO

Em dois de seus principais textos dedicados à discussão do fenômeno esportivo - "Como é possível ser esportivo" (1983) e "Programa para uma sociologia do esporte" (1990) - o sociólogo francês Pierre Bourdieu se propôs em questionar sobre o momento de constituição histórico-estrutural de um espaço de disputas pela definição legítima da prática esportiva e das funções legítimas das

*Centro de Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: julianoedf@yahoo.com.br

**Centro de Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: fernando_edf@yahoo.com.br

***Centro de Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: marchijr@ufpr.br

atividades esportivas, lembrando, que dessas lutas, que são lutas para impor novos princípios de visão e divisão no campo, resultam estilos de vidas distintivos, mais ou menos ajustados às condições sociais e objetivas de suas próprias produções. Entretanto, gostaríamos de agregar (sem maiores pretensões teóricas, é claro) a essas contribuições tecidas nos respectivos textos, uma preocupação de caráter histórico-estrutural, que, no nosso entendimento, é anterior às perguntas que foram colocadas por Bourdieu em relação à constituição desse microcosmo.

Se nessas oportunidades Bourdieu se perguntou então sobre como foi se constituindo esse universo específico de disputas que é o campo esportivo, nós, por sua vez, entendemos como de suma importância, para os propósitos de reflexividade histórica, indagar sobre a gênese dos subcampos esportivos, até porque avaliamos que uma das principais condições estruturantes de um universo esportivo concreto em seu momento de aparição na metade final do século XIX no interior da sociedade inglesa, para além das disputas entre amadores e profissionais, entre adeptos do esporte-lazer ou do esporte-competição, foi a própria disputa que se protagonizou entre cada um dos esportes emergentes ou reinventados, ou seja, entre os subcampos esportivos em processo de ascensão e seus respectivos porta-vozes e estruturas (SOUZA, 2010).

É possível ainda pensarmos a constituição concreta do campo esportivo não apenas em termos de conflito, mas também de consenso já que muito dos esportes em seu processo de construção histórico-social foram emprestando às outras e demais modalidades esportivas seus modelos de gestão e gerenciamento. No entanto, é exatamente o elemento das lutas e dos conflitos que se introduz como ponto central para o nosso argumento, visto que é o sistema de concorrências que o universo esportivo engendra autonomamente ou por conta ainda da influência política e midiática nas tomadas de posições dos agentes que aí circulam que se constitui como um dos principais fundamentos estruturantes das disposições incorporadas, ou seja, das formas duradouras de ver o mundo e agir nele.

Pautados, portanto, nessas nuances teóricas é que procuramos no presente artigo problematizar algumas das continuidades e rupturas inerentes ao processo de constituição da "história esportiva" relativamente autônoma do xadrez. Devemos deixar claro que ao evocarmos uma "história esportiva" do xadrez não estamos a colocar em xeque a própria história que essa prática social veio a construir no interior das mais distintas sociedades na condição de jogo milenar e passatempo predileto de alguns grupos sociais específicos. No entanto, o que nos interessa, sobretudo, nesse artigo, é exatamente atribuir um tratamento sociológico mais refinado para pensarmos o fato de que a referida prática só adquiriu os primeiros traços de esporte relativamente moderno quando foi contraposta a um quadro muito específico de mudanças sociais e estruturais que tiveram lugar na sociedade inglesa da metade final do século XIX.

Além disso, talvez após essa breve exposição fique mais claro que a definição de pertencimento do xadrez ao próprio campo esportivo em emergência na transição do século XIX para o XX e, por conseguinte, a especificação de que se o enxadrismo, de fato, caracteriza e configura uma prática esportiva, não se trata de uma questão meramente conceitual e que pode ser resolvida aprioristicamente, mas, ao invés disso, uma resposta que deve ser buscada em sua história estrutural relativamente autônoma.

Em termos dos procedimentos metodológicos requisitados para avançarmos nesse projeto, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica de cunho histórico-sociológico tendo em vista que a mesma nos possibilita recuperar indícios de construção de um habitus esportivo e literário - no sentido estrutural com que essa noção é evocada na sociologia de Pierre Bourdieu conforme discutimos aqui nesse mesmo periódico em outra oportunidade (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010) - que são extremamente reveladores sobre as práticas sociais que incidiram sobre processo de estruturação do xadrez na condição de um dos primeiros subcampos esportivos moderno a se formar.

Dito de outro modo, essa proposta de pesquisa bibliográfica qualificada como de cunho histórico-sociológico diz respeito ao resgate de literaturas históricas especializadas produzidas por agentes

que fizeram história no universo do xadrez mundial e que, deste modo, puderam retratar, mas, acima de tudo, impor e reivindicar um estatuto esportivo e distintivo para a prática cultural que justamente os consagrava e lhes conferia um discurso autorizado perante seus pares e concorrentes.

O período que delimitamos para levar a cabo a presente discussão abrange os anos de 1830 a 1920 e o motivo para esse recorte e não outro qualquer se justifica basicamente pelo fato de que, no período que antecede a 1830, os usos sociais predominantemente conferidos ao xadrez, conforme atesta nossa investigação empírica, lhe predispunha a ser entendido mais como passatempo ou jogo caracterizado como manifestação artística e científica do que propriamente como prática em processo de esportização. Já a extensão da narrativa até apenas os anos de 1920 se deve ao fato de que a partir dessa data, como bem indica nossa incursão historiográfica, a lógica de concorrência da modalidade frente às demais práticas esportivas logrou por encerrar um processo de perda gradativa de visibilidade e também de redução das chances dos agentes e estruturas, que personificavam o xadrez mundial nesse contexto, se beneficiarem das disputas pelos capitais em jogo, conforme analisamos em outro lugar (SOUZA, 2010).

Justificado nosso recorte temporal, procuramos nas linhas que seguem avaliar, de um ponto de vista essencialmente histórico-sociológico, algumas das principais e mais decisivas transformações potencializadas no universo enxadrístico no período de 1830 a 1920 tendo como ponto de sustentação teórica algumas contribuições tecidas na sociologia configuracional de Norbert Elias (1992; 1994) e na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu (1983; 1990; 2007). É sempre importante frisarmos que a opção por essas abordagens e não por outras quaisquer se justifica, nessa pesquisa, por compreendermos que ambos os referenciais nos permitem demarcar historicamente nosso objeto e explicar o seu caráter de esportividade sem desconsiderar, cada um ao seu modo, as demandas sociais mais amplas e suas inter-relações com os aspectos microsociológicos.

2 A CONSTITUIÇÃO DE UM SUBCAMPO ESPORTIVO - O CASO DO XADREZ

A ruptura mais decisiva no sentido de constituição preliminar de um subcampo esportivo do xadrez se evidenciou basicamente por conta das tensões estabelecidas entre duas escolas enxadrísticas que primavam por princípios mais combinatórios (francesa e alemã) e outra que levemente passou a priorizar o jogo mais posicional (inglesa). A escola combinatória, diga-se passagem, prezava mais por ações de curto prazo e efeitos imediatos no tabuleiro (daí os sacrifícios de peças para conseguir ataque prematuro) enquanto a escola posicional, por sua vez, visava objetivos de longo prazo na partida, vislumbrando posições consolidadas e com poucas debilidades para se jogar um final de jogo.

Essas tensões sugeridas vieram a ser personificadas na figura de alguns confrontos emblemáticos que mobilizaram os jogadores dos principais pólos enxadrísticos europeus durante a primeira metade do século XIX, isto é, França, Inglaterra e, num determinado momento, a Alemanha. Os agendamentos desses confrontos, por sua vez, se davam de modo informal e ficava por conta dos próprios enxadristas, o que, mais uma vez, reforça o espírito romântico que reinou por alguns séculos no âmbito do xadrez mundial (SAIDY; LESSING, 1974; FINE, 1983; GIUSTI, 2002; KASPAROV, 2004; FILGUTH, 2006).

Dentre esses confrontos agendados, cabe aqui darmos uma devida ênfase para a série de seis matches disputada entre o enxadrista francês Louis Charles de La Bourdonnais - pupilo do também francês Alexander Louis Deschapelles - e o enxadrista irlandês Alexander McDonnell - pupilo do escritor e jogador inglês William Lewis - no ano de 1834. O organizador desse confronto disputado em Londres foi outro discípulo de Lewis, a saber, o enxadrista George Walker (LASKER, 1999; GIUSTI, 2002).

Segundo Kasparov (2004, p. 17), esse confronto ficou conhecido no meio enxadrístico como a "maratona de Westminster" e pode ser considerado o primeiro entrave pela coroa do xadrez, isto é, o evento precursor dos matches oficiais do campeonato mundial. Naquela

oportunidade, La Bourdonnais venceu a série de partidas ao obter 45 vitórias, 27 derrotas e treze empates. Com o retorno ao seu país, o jogador francês na posse de um maior capital simbólico que se somava ao capital econômico e social que previamente detinha na sociedade francesa, fundou em 1836 o primeiro periódico de xadrez do mundo, a revista mensal "Le Palamède".

A disputa entre Inglaterra e França foi continuada por Howard Staunton e Pierre Charles de Saint-Amant. Em novembro de 1843, ambos os jogadores se reuniram no hall de entrada do Café de la Régence em Paris, para disputar um match que teria como campeão aquele que fosse o primeiro a vencer onze partidas. Nesse período ainda, não eram utilizados relógios para cronometrar as partidas de xadrez, de modo que a duração média de cada confronto durava aproximadamente nove horas. Diante de um assíduo e paciente público francês, Staunton com onze vitórias, seis empates e quatro derrotas, se consagrou como campeão, obtendo certa revanche pela derrota de McDonnell, anos antes, e, além disso, quebrando a hegemonia francesa estabelecida categoricamente no universo enxadrístico internacional (FINE, 1983).

Nos anos que se seguiram, Staunton publicou dois importantes livros de xadrez, o "Chess Player's Handbook" em 1847 e o "Chess Praxis" em 1860. Além disso, seu prestígio após a vitória sobre Saint-Amant tomou tal proporção, que em 1849, Nathaniel Cook, projetou e formatou em sua homenagem um padrão standart para as peças de xadrez, e que, inclusive, até os dias de hoje é comercializado como o nome "Staunton" (LOUREIRO, 2006, p. 1012).

Entretanto, a grande contribuição do jogador inglês no universo enxadrístico foi ter organizado na cidade de Londres, em 1851, um evento que ficou conhecido como primeiro torneio internacional de xadrez. Na oportunidade, se reuniram os melhores enxadristas do velho mundo na disputa do respectivo título, com exceção de Saint-Amant da França, Lasa da Alemanha e os jogadores russos que, por questões econômicas, não puderam participar. A premiação do torneio chegou ao montante geral de quinhentas libras inglesas, um valor considerável para época e, além disso, uma marca histórica no

desenvolvimento do subcampo esportivo do xadrez como parte de um processo, ainda que muito incipiente de profissionalização das práticas esportivas e culturais. Tal conjuntura é avaliada pelo estudioso José Loureiro:

Essa é uma indicação e confirmação de uma crucial característica da organização esportiva do jogo, isto é, o xadrez constitui-se no primeiro esporte publicamente profissional da história moderna. Alguns matches individuais já haviam envolvido bolsas de premiação, mas este torneio ampliou as possibilidades e significou um incentivo concreto para os eventuais inclinados a se dedicar exclusivamente ao xadrez (LOUREIRO, 2006, p. 1012).

Tais impressões do autor nos possibilitam duas profícuas entradas de discussão para pensar alguns aspectos relativos ao desenvolvimento inicial desse espaço de lutas que é o campo esportivo. Primeiramente, devemos mencionar o fato de o xadrez ter incorporado, a propósito também de outros esportes, essas referências primárias de profissionalização justamente na sociedade industrial inglesa. Inclusive é oportuno notarmos que o torneio de 1851 coincidiu com a "Grande Exibição Industrial em Londres" e graças ao apoio do St. George's Chess Club - entidade privada promotora e incentivadora do xadrez britânico naquele contexto (KASPAROV, 2004, p. 24).

O segundo ponto a ser recuperado diz respeito à formação de possíveis *habitus* esportivos com contornos profissionais graças aos estímulos financeiros investidos no campo por conta, talvez, da inserção de patrocinadores. No caso do xadrez, a premiação de torneios no contexto histórico-social evocado foi decisiva para o desenvolvimento técnico da modalidade, sobretudo, em termos de sistema defensivo. Além disso, houve um sutil deslocamento da compreensão do jogo como fim artístico em si mesmo, ou no máximo, uma prática que garantia vantagens simbólicas aos vencedores, para um meio de obter lucros materiais expressos em quantias e montantes em dinheiro.

A propósito, o ganhador das quinhentas libras inglesas em disputa no torneio de 1851, foi o então desconhecido jogador alemão Adolf Anderssen - talvez o maior expoente do xadrez romântico (GARCIA, 2006, p. 3) -, que, nesse percurso, havia derrotado Kieseritzky da França nas oitavas-de-final, Szén da Hungria nas quartas-de-final, Staunton da Inglaterra nas semifinais e Wyvill, também da Inglaterra, na final. No entanto, essa conquista ainda não havia sido suficiente para que Anderssen fosse considerado o principal enxadrista mundial. Mais precisamente, até esse período havia poucos torneios de xadrez e os grandes jogadores precisavam provar sua força mais com conquistas criativas do que competitivas. Cabe aqui notarmos que essa preponderância do elemento artístico ao elemento esportivo se estendeu até os primeiros campeonatos mundiais oficializados no final do século XIX, quando então as coisas começaram ligeiramente a se inverter.

Outro marco importante na "história esportiva" do xadrez se estabeleceu em 1857. No outono desse mesmo ano foi realizado o 1º Congresso Norte-Americano de Xadrez onde se confrontaram os dezesseis melhores jogadores daquele país em matches eliminatórios, obedecendo aos moldes do primeiro torneio internacional disputado anos antes em Londres e que havia repercutido consideravelmente no "novo mundo". O campeão do torneio norte-americano foi Paul Murphy, que, no ano seguinte, viajou até Paris e impôs derrotas surpreendentes a falange enxadrística européia.

Dentre esses jogos que Murphy disputou durante sua tournée pela Europa em 1858, se destaca o match amistoso contra Anderssen realizado na cidade de Paris em dezembro do mesmo ano. Após sete vitórias, dois empates e duas derrotas, Murphy se consagrou como melhor enxadrista mundial; um jogador que "em apenas um ano havia demonstrado que não havia pares para ele no mundo" (KASPAROV, 2004, p. 47).

Ao retornar da Europa, Murphy foi recebido calorosamente em Nova York mediante uma comemoração oficial preparada num hall com duas mil pessoas sentadas. Outro aspecto interessante a ser notado, é que nesse hall foram fixadas placas gigantes que

continham o nome dos oponentes derrotados pelo norte-americano. Essa atitude, por sua vez, talvez já seja o indício da construção de um *habitus* nacionalista norte-americano, historicamente constituído e estruturalmente corroborado por conta do êxito de seus atletas diante de algumas práticas culturais e esportivas exportadas do continente europeu durante o século XIX. Não obstante e independentemente do reconhecimento obtido nos Estados Unidos e na Europa, Murphy abandonou o xadrez prematuramente em 1862, quando já demonstrava sinais de estar acometido por uma grave doença mental (FINE, 1983).

Com Murphy fora de cena, Anderssen viu novamente surgir possibilidades para se tornar o enxadrista ativo mais forte do mundo, uma reputação que ele reforçou ao vencer o torneio internacional de Londres em 1862. Esse evento, ainda se singularizou por marcar uma ruptura de valores na concepção temporal do jogo de xadrez e, obviamente, na racionalidade dos atletas envolvidos na prática e na organização burocrática dos demais torneios. Nos referimos, mais especificamente, a inserção do uso de controle de tempo nas partidas, sendo destinado um limite máximo de duas horas, por jogador, para cada 24 lances realizados.

Essa preocupação em administrar e racionalizar o tempo de jogo é, inclusive, uma das características mais explícitas do desenvolvimento do esporte moderno, o que, por sua vez, não necessariamente significa pensar que o tempo de lazer venha sendo colonizado pelo tempo de trabalho nas sociedades industriais. O que pode-se admitir, entretanto, é que a estrutura organizacional esportiva tal como vem sendo pensada e retomada na sociedade moderna acompanha a aceleração crescente que caracteriza as relações sociais da vida cotidiana, ao passo, que também impõe restrições e mudanças na administração dessa mesma vida, inclusive na esfera econômica e trabalhista (ELIAS, 1992).

Dando continuidade a nossa exposição, convém ressaltarmos que no ano de 1866 os ingleses organizaram o *macth* Anderssen-Steinitz, tendo esse último jogador se consagrado como campeão pelo placar de 8 a 6, fato esse que, em última análise, acabou

comprometendo o prestígio que Anderssen finalmente havia conquistado na sociedade européia. Alguns comentaristas insistem que esse confronto pode ser considerado o primeiro campeonato mundial de xadrez oficial (FINE, 1983; LOUREIRO, 2006). Contudo, nessa época ainda havia reminiscências da supremacia de Murphy, o qual foi considerado como campeão mundial não-oficial até 1884, ano de seu falecimento.

O enxadrista Wilhelm Steinitz - adversário de Anderssen na disputa de 1866 - nasceu na cidade de Praga em quatorze de maio de 1836. Entretanto, sua formação enxadrística se deu em Viena - cidade onde concluiu seus estudos escolares e pôde ingressar na escola superior politécnica (LANDSBERG, 1993). De acordo com Kasparov (2004, p. 52), enquanto no final dos anos 1850 a fama de Morphy e Andersen se fazia circular por Londres e Paris, em um pequeno Café na cidade de Viena, Steinitz, um pobre estudante ganhava a vida jogando partidas de xadrez por apostas.

A primeira participação de Steinitz em evento internacional se deu no torneio de Londres de 1862, que, conforme dissemos anteriormente, teve como vencedor o alemão Adolf Anderssen. Steinitz ficou com a 6ª colocação entre quatorze participantes. No entanto, o principal marco desse torneio, na construção da "história esportiva" do xadrez, talvez seja o fato de Steinitz, após o evento, ter fixado residência na capital inglesa, o que, em última análise, corroborou para o desenvolvimento e sistematização de uma nova escola enxadrística, que já havia sido antecipada, é sempre bom lembrarmos, um século antes pelo enxadrista francês François-André Danican Philidor.

Ao recuperar algumas falas de Emanuel Lasker - o segundo campeão mundial oficial de xadrez da história -, Kasparov fornece alguns apontamentos que nos permitem melhor entender o quão decisivo foi para o xadrez a permanência de Steinitz na Inglaterra:

O estilo agressivo e inventivo, de Steinitz, que havia crescido na escola de combinação alemã, agradava os amadores ingleses, pois eles eram capazes de aprender bastante dele, assim como, inversamente,

Steinitz aprendia de seu jogo mais sólido, escreve Lasker. E como resultado dessa colisão de estilos diferentes, das combinações brilhantes e audazes de Andersen e do jogo posicional e sistemático da Escola Inglesa, surgia uma síntese na mente de Steinitz, que estava destinada a começar uma nova era no desenvolvimento do xadrez [...] (KASPAROV, 2004, p. 57).

A propósito, uma das peculiaridades mais decisivas na construção da "história esportiva" relativamente autônoma do xadrez é que o vínculo estabelecido entre, de um lado, os agentes responsáveis pelo gerenciamento da prática e, de outro, a estrutura social em que os mesmos estavam inseridos, sempre manteve, para usarmos os termos de Elias (1994), um padrão muito forte de entrelaçamento, o que, no entanto, não descarta a possibilidade de, ora, a estrutura conformar mais incisivamente o agente e, ora, o agente também conformar a estrutura, pressuposto esse, que podemos identificar no trecho acima.

Em sua juventude, Steinitz praticou um xadrez que se enquadrava mais aos moldes da escola romântica alemã. No entanto, quando se mudou para Inglaterra - sociedade altamente regulada por uma ética e moral aristocrática/parlamentar - progressivamente passou a incorporar as referências enxadrísticas correspondentes aquele locus social. Não obstante, essa mesma sociedade inglesa em que Steinitz acabava de se inserir, tinha um sentimento ambíguo em relação ao esporte e ao jogo.

Na medida em que os agentes jogavam seu xadrez nos clubes e círculos sociais ingleses priorizando aspectos mais posicionais e sistemáticos, também ligeiramente se opunham à profissionalização daquela prática (e, acresça-se, de demais esportes), o que no caso do enxadrismo parecia engendrar uma curiosa contradição, já que o desenvolvimento posicional e dos sistemas defensivos no xadrez, como parte integrante de um processo de psicologização muito bem descrito por Norbert Elias (1992; 1994), estava diretamente relacionado à emergência do profissionalismo.

Por sua vez, o esporte amador era tido como "ideal" para as elites inglesas porque o mesmo se afastava da estética "vulgar" atribuída por aquela sociedade às atividades de trabalho ou então porque conferia um lucro de distinção material e simbólica à sua posição social (BOURDIEU, 1983; BOURDIEU, 2007). Além disso, a ética vigente no esporte profissionalizado, na visão dessas elites, era "contaminada" simbolicamente pelas crenças construídas socialmente em torno de que as atividades de trabalho eram degradantes e, por isso, mais direcionadas às massas e ao proletariado.

Diante desse quadro de contradições sociais rapidamente esboçadas sobre a situação do esporte e, em específico, da prática enxadrística na Inglaterra da metade final do século XIX, a questão, com que nos deparamos, nesse momento, é como que Steinitz - alguém que lutou avidamente para impor o profissionalismo no âmbito do xadrez - se saiu diante daquela sociedade e daquela estrutura social?

Longe de encarar Steinitz como um calculador racional, podemos dizer que ele tinha o "sentido do jogo" incorporado tão profundamente em sua forma de agir, encarar e se situar naquela sociedade que, muitas vezes, o mesmo teve a oportunidade de "antecipar algumas tendências" e se sobressair diante da estrutura social estabelecida - minúcias do "jogo social" tão bem retomadas e explicitadas ao longo da obra de Pierre Bourdieu. Além disso, o profissionalismo que ele defendia no universo do xadrez, como pretensa forma de ascender socialmente, resultava, sobretudo, da incorporação de um *habitus* de classe dominada que ele adquiriu inconscientemente durante sua infância e adolescência, conforme nos leva a entrever seu biógrafo Kurt Landsberg (1993).

No processo de construção objetiva dessa estrutura enxadrística com contornos profissionais, outro fator a ser levado em conta é que a ética do profissionalismo conforme pensada pelos grupos burgueses considerava a vitória em si muito mais importante do que a maneira propriamente dita de se jogar. Não é de se estranhar, portanto, o deslocamento reivindicado por Steinitz em favor do sistema defensivo

como forma de se sobressair aos adversários e, assim, conquistar a vitória. Avaliemos essas impressões em suas próprias palavras proferidas após os torneios de Baden-Baden em 1870:

Cheguei à convicção de que uma defesa segura exige muito menos desgaste de energia do que um ataque. Em geral, um ataque tem chances de sucesso somente quando a posição do adversário já está enfraquecida. Desde então meu pensamento tem sido dirigido a encontrar um caminho simples e certo de enfraquecer a posição inimiga (KASPAROV, 2004, p. 64).

Em suma, essa preocupação com o sistema defensivo e, especialmente, com os resultados é um dos principais indícios que reforça o fato de Steinitz ter sido um dos primeiros enxadristas a assumir seu profissionalismo. Além disso, e como bem demonstra o pesquisador Federico Garcia (2006, p. 14), os traços amadorísticos e românticos inerentes ao xadrez não foram completamente abandonados pela nova escola moderna personificada em Steinitz e nos demais jogadores que viriam, até porque a definição de que "jogar no ataque era brilhante" não passava de uma idéia arraigada num sistema de crenças socialmente legitimada nos círculos sociais em que a prática enxadrística lograva em estabelecer vínculos mais afetivos e duradouros.

Em 1872, Steinitz ganhou o torneio internacional de Londres e um match amistoso contra o jovem mestre alemão Johann Hermann Zukertort. Em 1873, venceu um importante torneio em Viena e logo, em seguida, obteve uma coluna reservada para discutir o xadrez no Jornal *The Field*, que circulava na Inglaterra (GARCIA, 2006; KASPAROV, 2004, p. 64). Nesse espaço editorial que lhe havia sido destinado, Steinitz durante nove anos pode comentar as mais diversas partidas dos mestres e, principalmente, divulgar suas idéias e sua teoria enxadrística baseada em princípios posicionais e no acúmulo de pequenas vantagens. Além disso, nesse período, gozava de uma relativa prosperidade material e se dedicava avidamente em pesquisas para elaborar novos princípios de jogo.

Esse panorama começou a ser modificado no importante torneio de Londres em 1883, quando o enxadrista Johann Zukertort obteve a vitória com 22 pontos conquistados em 26 rodadas. Steinitz ficou em segundo lugar com dezenove pontos. Some-se a essa conjuntura, o fato de que a coluna de xadrez de Steinitz, alguns meses antes do torneio de Londres, havia sido encerrada, sendo, oportunamente, reaberta após o torneio e, curiosamente, sob a direção de seu rival Zukertort (SAIDY, 1972). Por sua vez, esse desdobramento, apenas reforça o quão articulados estavam, já naquele contexto histórico em questão, os interesses da imprensa e os interesses do mundo esportivo.

Ainda nesse mesmo ano de 1883, Steinitz, após residir por duas décadas na Inglaterra, emigrou para os Estados Unidos. Em 1885, o enxadrista recrutou o apoio de seus novos amigos e fundou a revista *International Chess Magazine*. Além disso, nesse período, também pôde divulgar seus artigos e opiniões no *New York Tribune*. Em inúmeras oportunidades, Steinitz declarou nesses veículos de informação, estar preparado para enfrentar Zukertort pela disputa de um título mundial. Por sua vez, esse confronto poderia ser realizado em qualquer lugar, exceto Londres (LANDSBERG, 1993).

Finalmente, em 1886, formalizou-se o primeiro campeonato mundial de xadrez oficial, no qual Wilhelm Steinitz e Johannes Zukertort - os jogadores mais fortes da época e os agentes que personificaram categoricamente a disputa entre a escola combinatória (romântica) e a escola posicional (moderna) - disputaram o respectivo título, que já havia sido inventado por Steinitz em 1866, mas que até então continuava sem um herdeiro reconhecido (SAIDY, 1972).

No entanto, o que esse primeiro campeonato mundial oficializado reserva de mais impressionante, é o fato de reiterar uma ruptura com os valores amadorísticos que ainda predominavam no universo esportivo. E isso exatamente por prever em seu regulamento premiação para os dois jogadores independentemente do resultado final do match. Dito de outro modo, para uma estrutura amadora do esporte tal como vislumbrada na sociedade inglesa do final do século XIX, era inconcebível a idéia de que o perdedor se beneficiasse de alguma "fatia" do prêmio.

Talvez seja por conta desse impasse que as bases do profissionalismo no subcampo do xadrez tenham se consolidado primeiramente na sociedade capitalista norte-americana. É possível também que a premiação para ambos os jogadores não esteja simplesmente atrelada ao ideal de constituir uma estrutura enxadrística tipicamente profissional, mas ao fato de se relativizar as demandas mercantis e não reduzir a disputa de um título mundial a fins estritamente econômicos.

Nos anos que se seguiram, Steinitz foi desafiado quatro vezes a colocar seu título em disputa. Em 1889 e 1892 pelo maestro russo Mikhail Ivanovich Chigorin; em 1890 e 1891 pelo maestro anglo-húngaro Isidor Gunsberg; e em 1894, pelo jovem jogador Emanuel Lasker de 26 anos. Nas três primeiras ocasiões Steinitz conseguiu manter o título. No entanto, sucumbiu diante de Lasker. Em 1896, Steinitz teve o direito de revanche contra o jovem enxadrista, mas novamente voltou a perder (LANDSBERG, 1993).

Ainda nesse período, Steinitz publicou em 1889 o primeiro volume de seu guia de aberturas intitulado "The Modern Chess Instructor", na qual incluiu o artigo temático "A escola moderna e suas tendências". Em 1891, publicou um livro sobre o 6º Congresso Americano de Xadrez disputado em 1889 em Nova York. Como atrativo principal da programação desse evento, se realizou um torneio com vinte jogadores (em sua maioria, ingleses e norte-americanos) que jogaram todos contra todos em dois turnos.

Esse torneio, de acordo com Kasparov (2004, p. 78), foi o mais longo da história do xadrez contabilizando 64 dias de duração. Contudo, é imperativo frisarmos que a importância do torneio, ou melhor, do congresso, não se resumiu a esse aspecto temporal. Na percepção de Steinitz (1891, p. 9), a grande relevância do evento se singularizou no fato de servir como um laboratório de demonstração sobre a importância de se alicerçar uma estrutura organizacional e burocrática que futuramente permitisse superar a lógica amadorística que até então regia o gerenciamento enxadrístico no continente.

O número total de inscritos no congresso, segundo as informações documentais reunidas por Steinitz (1891, p. 28-38), foi de 434 enxadristas. Um dado que nos chama atenção nesse manual, diz respeito a uma inscrição realizada no nome do Beethoven Club/ Rio de Janeiro/ Brazil e outras duas inscrições no nome de dois jogadores brasileiros do Rio de Janeiro, Arthur Napoleon e J. Caldas Vianna. Se esse achado, não nos permite tecer considerações mais precisas sobre o desenvolvimento do xadrez brasileiro na referida época, no mínimo, nos conduz ao entendimento de que já havia uma incipiente preocupação de alguns enxadristas nacionais em se manterem atualizados com relação aos centros produtores do xadrez de alto nível.

Na continuidade de construção desse cenário histórico, é importante lembrarmos que essa nova escola moderna de xadrez expressa no plano de ações e pressupostos sistematizados por Wilhelm Steinitz foi continuada e divulgada por Lasker e, principalmente, pelo enxadrista e médico Siegbert Tarrasch (1862-1934). De acordo com Kasparov (2004) sem os esforços de Tarrasch, muito dificilmente os ensinamentos de Steinitz teriam sido amplamente difundidos até jogadores como Akiba Rubinstein ou então os fundadores da escola enxadrística que seria denominada de "hipermoderna".

Cabe frisarmos que por volta dos anos 1920, o mundo ocidental experimentou o apogeu da arte modernista. No subcampo do xadrez, o equivalente a esse processo se verificou na criação de um movimento denominado "hipermodernismo", no qual seus precursores idealizavam uma ruptura com o classicismo da geração mais antiga, em específico com os princípios formalizados nos textos de Steinitz e Tarrasch. Assim, da mesma forma como os artistas se voltaram para a abstração ou os compositores abandonaram a tonalidade, no xadrez, os jovens mestres fizeram experiências com movimentos pouco convencionais, como, por exemplo, controlar o centro do tabuleiro à distância através da ação dos bispos e cavalos ao invés de alocar seus peões objetivamente nas casas centrais (SAIDY, 1972; SAIDY; LESSING, 1974).

Entretanto, essa retomada expressa no plano de ação da escola "hipermoderna" não implicou que os conceitos clássicos de luta e ocupação do centro, caros à escola ortodoxa de Steinitz e Tarrasch, fossem abandonados no universo enxadrístico. E isso basicamente porque Emanuel Lasker - herdeiro legítimo da chamada escola posicional - além de compartilhar dos princípios posicionais e das lutas de Steinitz, sobretudo, no que tange à profissionalização e organização efetivamente burocrática do xadrez, também possuía um capital cultural e simbólico com condições de impor e perpetuar essa visão mais ortodoxa e anular as tomadas de posições consideradas heréticas, o que, nesse caso específico, tinha seu equivalente nas investidas dos representantes do movimento "hipermoderno".

3 CONSIDERAÇÕES PARA O FECHAMENTO

A "história esportiva" do xadrez aqui brevemente reivindicada é a própria história de constituição de um subcampo esportivo moderno em potencial concorrência com outros subcampos esportivos que vieram a emergir durante a metade final do século XIX e, principalmente, na chegada do novo século (SOUZA, 2010). A partir dos desdobramentos sociais muito específicos dessa prática tal como retomada no interior da sociedade inglesa, somados ainda à sua experiência de profissionalização consolidada no interior da sociedade norte-americana, podemos sugerir que a "história esportiva" do xadrez conserva como seu principal atributo o fato de operar e ativar mecanismos simbólicos e emocionais tanto por vias contínuas e ininterruptas quanto por vias descontínuas e inarticuladas.

À medida que fomos tecendo e apresentando os argumentos, procuramos, portanto, demonstrar como foi se constituindo, em meio a irregularidades e rupturas, materialidades e simbolismos, tensões e contradições, o subcampo esportivo do xadrez entre os anos de 1830 até aproximadamente 1920. Vale notarmos que nesse movimento de compreensão da gênese deste subcampo esportivo, a retomada conjunta de alguns dos constructos teórico-metodológicos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias foi inspiradora e decisiva.

Desse modo, em Pierre Bourdieu, buscamos na sua noção heurística de "história estrutural relativamente autônoma" bem como na descontinuidade que a mesma evoca um suporte metodológico rigoroso para trazer à luz leis de reprodução social, inerentes à expansão do mercado esportivo moderno e, acima de tudo, imbricadas ao processo de esportivização dos passatempos tais como abordados por Norbert Elias. Nesse sentido, devemos frisar que a entrada para teoria dos processos de Elias se deu, nessa pesquisa, mediante a necessidade de conferirmos uma maior dimensão de historicidade ao modelo teórico de Bourdieu, o qual, a saber, não desqualifica as dimensões históricas de constituição dos campos, embora lhes confira um caráter histórico ligeiramente preliminar.

Como última observação, devemos frisar que o componente esportivo do xadrez, veio a ser reforçado no decorrer do presente texto mediante o descortinar dos processos de mercantilização e espetacularização dos passatempos, os quais no caso da constituição da "história esportiva" do xadrez vêm sendo recorrentes e articulados, de forma mais incisiva e notória, desde a metade final do século XIX e, sobretudo, graças à circulação dessa prática no interior da sociedade inglesa e norte-americana, conforme pudemos rapidamente acompanhar. Essa constatação, por sua vez, é reveladora e nos permite avaliar os referidos processos como componentes imprescindíveis para definição esportiva do xadrez e para a própria elaboração de uma definição mais polissêmica de esporte.

The process of historical-structural constitution of the subfield sports of the chess - a sociological analysis

Abstract: In this text we try to problematize some continuities and ruptures inherent in the process of constituting a "sports story" relatively autonomous of chess. The main argument being developed is to demonstrate that practice only became the first traces of relatively modern sport when he was opposed to a very specific framework of social and structural changes that took place in English society from the later half of the nineteenth century. From a literature search of historical-sociological tried to assess some transformations enhanced in the chess world in the period 1830 to 1920 having as a theoretical underpinning some contributions woven by Norbert Elias and Pierre Bourdieu.

Keywords: Chess. Sports. Sociology.

El proceso de constitución histórico-estructural del subcampo deportivo de lo ajedrez - una análisis sociológica

Resumen: En este trabajo tratamos de problematizar algunas continuidades y rupturas inherentes al proceso de constitución de una "historia de deportiva" relativamente autónoma de ajedrez. El principal argumento que se desarrolla es demostrar que la práctica sólo se convirtió en los primeros rastros del deporte relativamente moderno cuando se opuso a un marco muy específico de los cambios sociales y estructurales que tuvieron lugar en la sociedad inglesa de la segunda mitad del siglo XIX. Desde una búsqueda en la literatura histórico-sociológica tratado de evaluar algunas transformaciones reforzada en el mundo del ajedrez en el período 1830 a 1920 teniendo como sustentación teórica algunas de las contribuciones tejida por Norbert Elias y Pierre Bourdieu.

Palabras clave: Ajedrez. Deportes. Sociología.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.
- _____. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 39-99.
- _____. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 2.
- FILGUTH, Rubens. **Inteligência em confronto: campeonatos mundiais de xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FINE, Reuben. **The world's great chess games**. New York: Dover, 1983.
- GARCIA, Federico. **Steinitz and the inception of modern chess**. GradExpo, University of Pittsburgh, 2006. Disponível em <<http://www.fedegarcia.net/writings/steinitz.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2009.
- GIUSTI, Paulo. **História ilustrada do xadrez**. São Bernardo do Campo/SP: Paulo Giusti, 2002.
- KASPAROV, Garry. **Meus grandes predecessores 1: uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez**. Santana de Parnaíba/SP: Solis, 2004.
- LANDSBERG, Kurt. **William Steinitz: a biography of the Bohemian Caesar**. Jefferson, N. C.: McFarland, 1993.
- LASKER, Edward. **História do xadrez**. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 1999.
- LOUREIRO, Luiz. Xadrez. In: COSTA, Lamartine Pereira da. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 1008-1024.
- SAIDY, Anthony. **The battle of chess ideas**. London: Batsford, 1972.
- SAIDY, Anthony.; LESSING, Norman. **The world of chess**. New York: Ridge & Randon, 1974.
- SOUZA, Juliano de. **O xadrez em xeque: uma análise sociológica da "história esportiva" da modalidade**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) -Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 293-315, jan./mar. 2010.

STEINITZ, Wilhelm. **The book of the sixth American Chess Congress**. New York: P. A. Merian, 1891.

Endereço para correspondência:

Juliano de Souza

Rua José Zagonel Passos, n. 460

Vila Bela, Guarapuava, Paraná

CEP - 85027-110

FONE - (42) 4101 1783

Recebido em: 29.10.2010

Aprovado em: 21.06.2011

